

# Era uma vez...

# ... no Reino do Sabão











Figueira da Foz, 05 de Maio de 2018

**Texto de:** David Moderno

(Enfermeiro no serviço de Urgência do HDFS, EPE)

**Ilustrações de:** David Moderno

**Revisão por:** Susana Filipe

(Enfermeira do Grupo Coordenador Local do Programa de Prevenção e Controlo de Infecção e Resistência aos Antimicrobianos - GCL-PPCIRA do HDFS, EPE)

História criada no âmbito do Dia Mundial da Higiene das Mãos (5 de Maio), 2018

Era uma vez...

Um reino distante, conhecido como o Reino do Sabão. Isto porque era lá que se produzia o melhor sabão do mundo, o mais aromático e o mais colorido.

Era governado pelo rei D. Martinho Lavadinho.

Este Rei tinha ficado com a mania das limpezas, desde que em criança tinha sido acometido de uma forte dor de barriga e de um ataque de febre, por ter comido laranjas sem lavar as mãos, depois de ter feito festas a todos os 152 cães do canil real.

Era sobretudo obcecado pela lavagem das mãos.



Havia torneiras e fontes espalhadas por todas as ruas do Reino do Sabão. Mesmo assim, para que ninguém se esquecesse de lavar frequentemente as mãos, o rei criou o posto de Trovador das Limpezas. Esta personagem, tinha nome próprio como toda a gente, mas com o tempo ficou conhecido como o “Lava as Mãos” do reino.

Tinha um trabalho difícil e exigente. Percorria todo o reino tocando o seu bandolim, sempre com a mesma melodia...

...”Se não lavares as mãos podes ter comichão!”

...”Esfrega bem esfregadinhas com água e sabão”

...”E com as mãos bem lavadas deves ficar contente!”

...”Lava sempre as mãos se não queres ficar doente!”

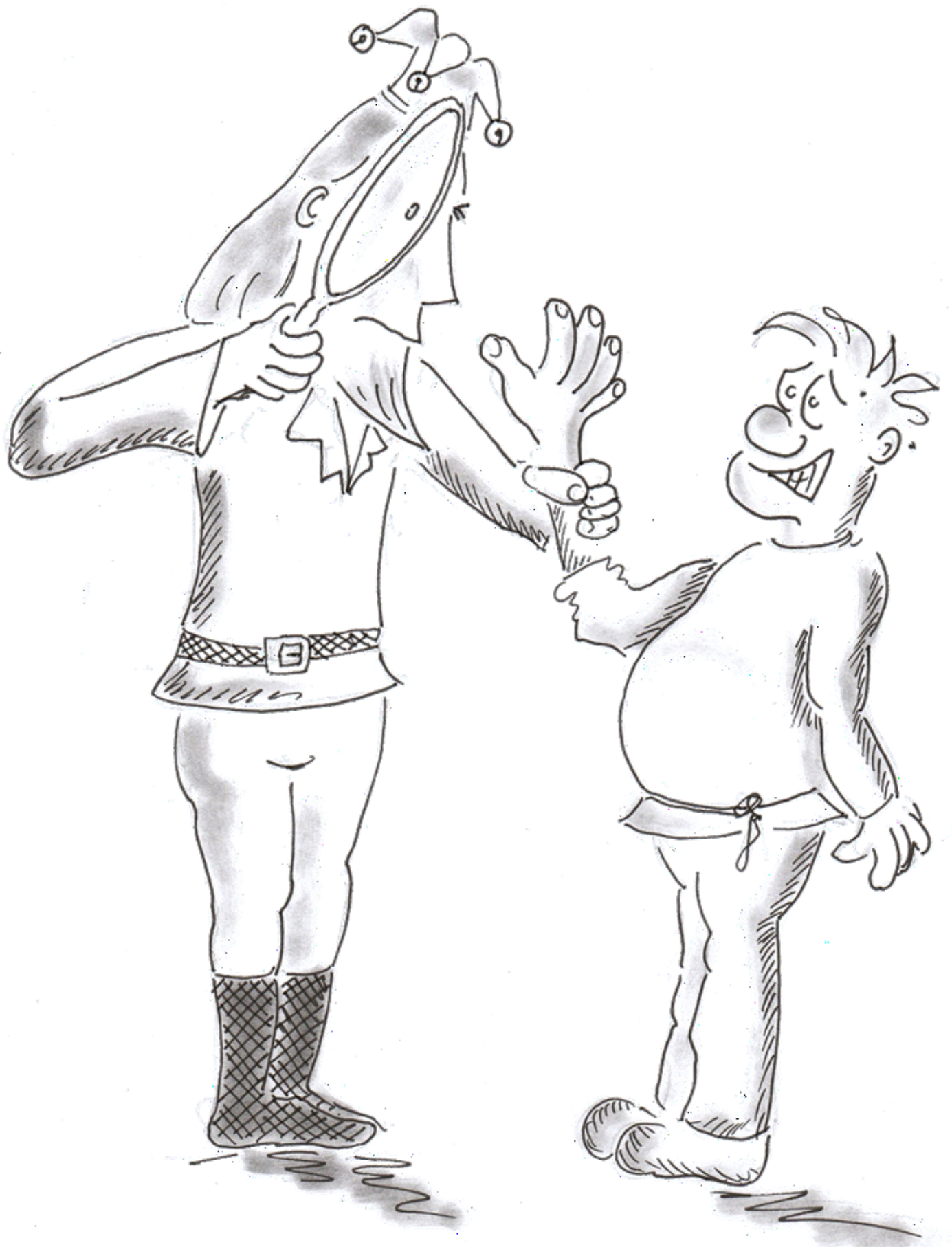




Os habitantes do Reino do Sabão, assim que ouviam o trovador “Lava as Mãos”, punham-se logo a lavar as mãos na torneira mais próxima.

É que para além de avisar, tinha também o poder de fiscalizar. Andava sempre munido de uma grande lupa e caso encontrasse vestígios de sujidade acima do permitido, aplicava uma multa.

Mas era sobretudo um homem respeitado e no Reino do Sabão, mesmo nos dias mais frios, era raro quem usasse luvas de tanto orgulho que tinham em mostrar as mãos impecáveis. Assim se passaram muitos anos de mãos limpas e da quase inexistência de doenças.



Um dia D. Martinho Lavadinho morreu de velhice e quem ficou a tomar conta do reino foi o seu filho mais velho D. João Porcalhão. Ora, D. João não era nada adepto dos cuidados de higiene e ficava irritado com as manias do pai. Ele até tinha a maior coleção de multas que havia memória naquele reino.

Um dia chamou o trovador e perguntou-lhe:

- Quanto te pagava o meu pai por esse trabalho tão inútil?
- 50 moedas por mês sua majestade. - Respondeu o “Lava as mãos.”
- Tanto?! Estás despedido. Não há lugar no meu reino para este tipo de despesas e com 50 moedas já se faz uma boa festa! – Acrescentou o Rei.







O trovador, sem trabalho e sem dinheiro, refugiou-se em casa de uma tia que vivia numa cabana na montanha que ficava no Reino de Para-Lá-do-Fim-do-Mundo.

Sem a presença constante do trovador a população começou a desleixar-se e foi perdendo o hábito de lavar as mãos antes das refeições, e mais tarde já nem depois de ir à casa de banho. Havia até quem nunca mais as tivesse lavado.

Passado uns anos, já nem metade das torneiras funcionavam e quase todas as fábricas de sabão tinham fechado por falta de quem quisesse comprar uma boa barra de sabão perfumada.



Não muito longe do Reino do Sabão, havia um reino povoado por vírus, bactérias e até piolhos, que durante muitos anos nem se atreviam a passar a fronteira, mas começaram a ouvir histórias sobre a partida do trovador e acharam que sem o “Lava as Mãos” não seria difícil ocupar o reino.

Em pouco tempo não havia pessoa que não sofresse de dor de barriga, de dor de cabeça ou não estivesse coberto de borbulhas e piolhos.



No início, D. João não ligou muito. Mas nem o rei escapou à invasão, e como era provavelmente o habitante mais porco do reino, em pouco tempo ficou crivado de parasitas.

Chamou os melhores médicos do reino, que o encharcaram de xaropes amargos e comprimidos horríveis, que embora o fizessem sentir melhor, era sempre por pouco tempo, já que as doenças regressavam mais depressa do que tinham partido.

Mandou chamar o padre, mas não houve reza que aliviasse o seu sofrimento. Mandou até chamar um feiticeiro mas este não apareceu, porque também estava doente!

Reuniu os sábios do reino para ver se encontravam um culpado por toda esta situação, mas ninguém tinha resposta para aquela desgraça.





Até que uma velhinha que vivia ao lado do castelo, vendo o médico, o padre e os sábios a sair de lá doentes e de cabeça baixa, gritou:

-“No tempo de D. Martinho, em que andava por aí o ‘Lava as Mãos’, nada disto acontecia!”

O rei ouvindo esta conversa suspeitou logo que a culpa só podia ser do trovador.

Mandou então procurar o “Lava as Mãos” no distante Reino de Para-Lá-do-Fim-do-Mundo.

Partiram dois soldados montados em cavalos de oito pernas, mas como nesse tempo o mundo também era mais pequeno e estes cavalos corriam ao dobro da velocidade, regressaram com o trovador ainda antes da hora de almoço.

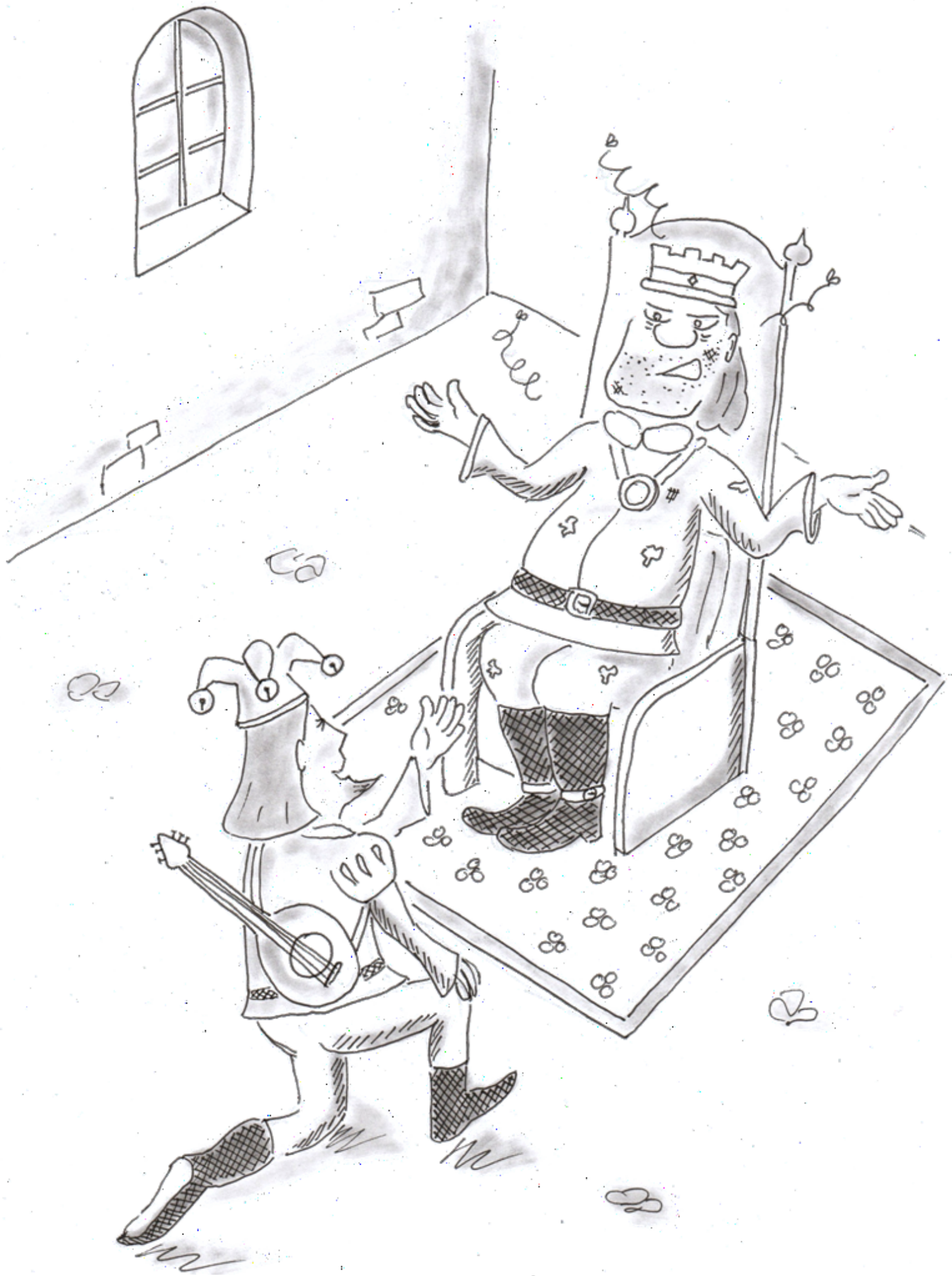


Perante as acusações de D. João, o “Lava as Mãos” reclamou inocência e muito calmamente lá explicou ao rei, que a falta de higiene das mãos, era a grande responsável das epidemias que assombravam o reino:

- As mãos bem lavadinhas, para além de ficarem mais bonitas, também previnem a transmissão de doenças. É importante lavar as mãos com cuidado sempre antes de comer ou preparar as refeições e quando utilizamos a casa de banho! Sem esquecer as unhas, que costumam ser um ótimo esconderijo para tudo o que é sujidade.

E continuou...

- Como as pessoas se foram esquecendo deste princípio fundamental, começaram a ficar doentes e a transmitir as doenças aos outros e chegámos a este ponto, em que quase todos estão doentes.



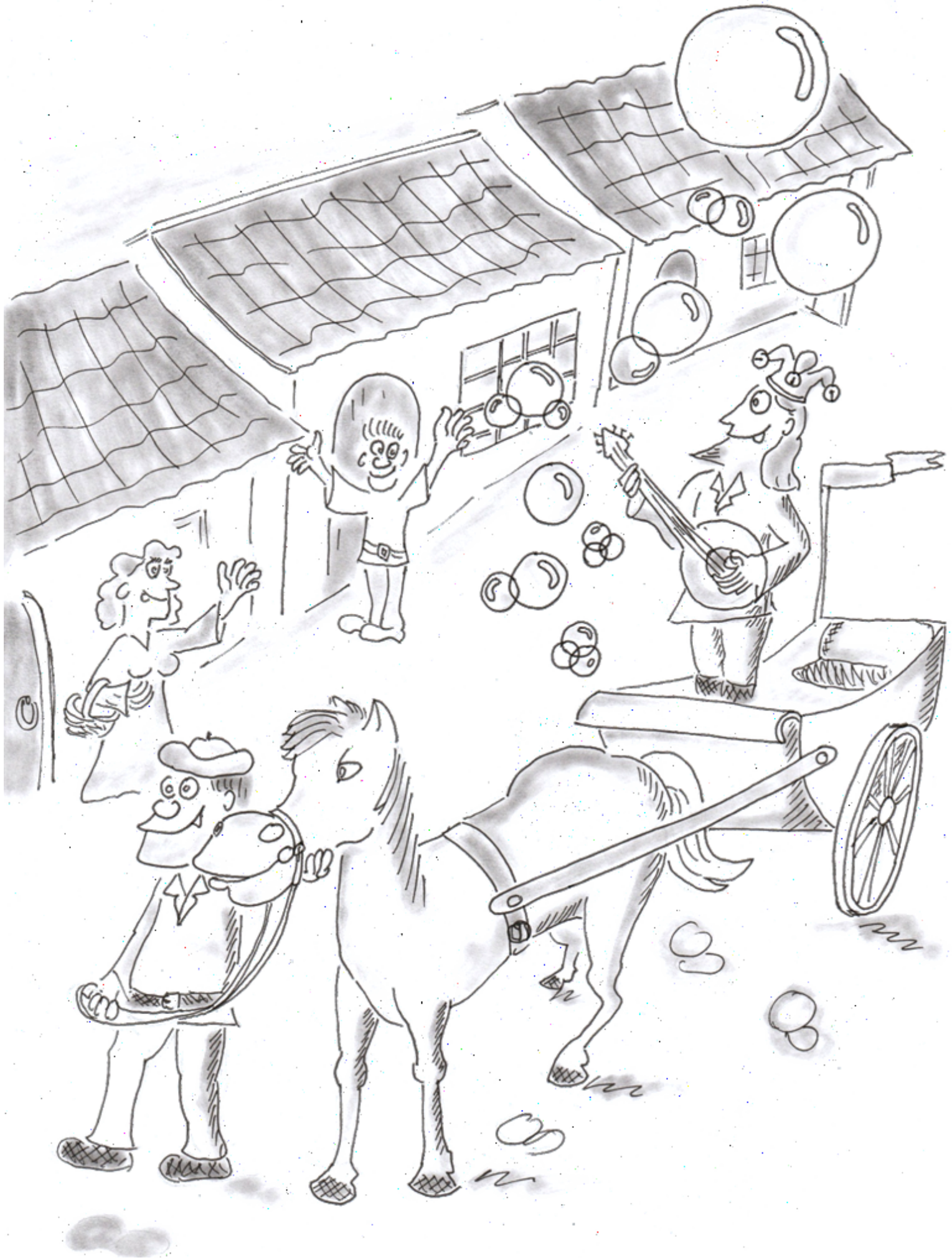


O Rei não teve outro remédio senão voltar a contratar o trovador para que o hábito de lavar as mãos voltasse a fazer parte da rotina diária dos habitantes do Reino do Sabão. Teve ainda de contratar canalizadores para reparar as torneiras e as fontes, e mais gente para pôr de novo as fábricas de sabão a funcionar.

Passado algum tempo as coisas tinham regressado à normalidade.

O Rei lá continuou a tomar banho apenas uma vez por ano, que os velhos hábitos costumam a perder, mas começou a lavar as mãos com frequência. Apesar de não gostar de água e sabão gostava ainda menos de dores de barriga e dos xaropes do médico real.

O trovador hoje já velhinho, lá continua a percorrer as ruas do reino alertando para a importância da higiene das mãos. E como reconhecimento da importância do seu trabalho, o rei mandou construir uma carroça para o transportar, com direito a motorista!



**Fim!**